

Praças Públicas como Espaços Comunicacionais em Mossoró¹

Rodrigo Carlos Bezerra LOPES²

Paula Apolinário ZAGUI³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

RESUMO

A cidade de Mossoró, localizada no interior do Rio Grande do Norte (RN), é conhecida pela quantidade de praças públicas. Muitas das gestões de antigos administradores da cidade possuem um histórico através da construção e reforma de praças. “Prefeita das Praças” é um termo usado para definir uma das antigas prefeitas da cidade, Rosalba Ciarlini Rosado (PP), atribuída a uma imagem de quem “só fez praças”. Ela geriu a cidade por 16 anos não consecutivos e, apesar da popularidade e de vir de uma família com um forte histórico na administração pública do município, perdeu a última eleição local realizada dia 15 de novembro de 2020 para o candidato Allyson Leandro Bezerra Silva (SD). Essa mudança de gestão é uma informação importante para o trabalho, pois o prefeito eleito, logo no início de sua administração, anunciou uma série de reformas em praças mossoroenses, sendo uma delas a restauração da Praça Antônio da Graça Machado, posicionada na principal avenida do bairro Abolição IV, na periferia da cidade. Esse era um dos espaços públicos marcados pelo símbolo de uma rosa cravado no piso da praça, fazendo referência não apenas a antiga prefeita, conhecida também como “A Rosa do Povo”, mas acenando para o sobrenome da família Rosado, que participou direta ou indiretamente do comando público da cidade por mais de três décadas. Toda essa contextualização leva a um questionamento principal: Diante da primazia às praças públicas, por sucessivas administrações municipais de Mossoró, pode se considerá-las espaços comunicacionais? A pesquisa será orientada a partir dessa pergunta, que gera outros questionamentos: Qual a importância das praças públicas para a população local? De que maneira ele interage com outros meios de comunicação? E, por fim, será que essa possível inclinação ao tratar essas áreas como propaganda política

¹ Trabalho apresentado na IJ06 - Interfaces Comunicacionais do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 18 a 20 de maio de 2022.

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da UERN, e-mail: rodrigoooo@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Publicidade e Propaganda da UERN, e-mail: paulazagui@uern.br

traz prejuízos para a sociedade local? Essa análise possui objetivo exploratório e caracteriza-se como um estudo de caso, entendido por Gil (2008) como uma investigação detalhada de poucos objetos. A pesquisa bibliográfica iniciou-se pela definição do tema, partindo para a busca de fontes, leitura de material e transcrição de dados, seguindo o método restrito comentado por Duarte e Barros (2005) e, a partir dessa busca, encontra-se nas considerações de Lucrécia Ferrara (2008, 2015) e Milton Santos (2006, 2007) sobre cidades um ponto de partida para o trabalho. Tendo essa base de bibliografias, o próximo passo será o trabalho de campo, mais especificamente o estudo etnográfico da comunidade que vive ao redor da Praça Antônio da Graça Machado. A etnografia, como bem defende Ferreira (1999), destaca a característica antropológica do projeto, permitindo a análise do objeto dentro de perspectivas culturais e a interação do pesquisador com a comunidade e ambiente, sendo essa participação estimulada pela ferramenta etnográfica de fazer pesquisa. Explorando o teor qualitativo do trabalho, a entrevista em profundidade entra como uma forma de coletar as informações da comunidade, tendo em vista que, segundo Duarte (2005, p.62), ela busca entender a temática por meio de “informações, percepções e experiências do informante”, tornando-se uma útil ferramenta etnográfica no que se refere à investigação dos sentimentos entre comunidade e espaço físico. O foco dela é analisar a relação que os entrevistados possuem com o objeto, neste caso a praça no bairro Abolição IV. A entrevista semi-aberta foi escolhida por facilitar a orientação do pesquisador no ato da coleta de informações com a comunidade, pois a mesma inicia-se com a elaboração de questões, que serão perguntadas pelo entrevistador, possibilitando o máximo aproveitamento de cada resposta. A entrevista será realizada nas redondezas da praça, dando preferência às pessoas que já estejam nas calçadas, seja do parque ou das casas em volta, ou nos espaços comerciais. É importante ir de encontro tanto dos moradores como dos trabalhadores do quarteirão, pessoas que não necessariamente moram nas proximidades do parque, mas tenham uma percepção desse lugar por conviverem em suas fronteiras diariamente. Chegando ao fim dos detalhamentos metodológicos, vê-se a necessidade em debruçar-se nos estudos de mídia e transmídia de Henry Jenkins (2009) e a realização de uma pesquisa documental, sendo muito usada dentro do campo da comunicação como uma forma de resgate histórico, como bem explica Moreira (2005), contribuindo para a investigação do contexto local que

relaciona as praças com propaganda política. Retornando às bases bibliográficas do trabalho, acredita-se que a visão de Ferrara (2008) sobre comunicação e cidades e a crença de que espaços urbanos comunicam, dentro de uma configuração emissor e receptor, pode contribuir para o princípio do entendimento das praças como espaços comunicativos, integrando essas ideias com as teorias referentes à comunicação integrativa e mediativa. O domínio da mediação, por exemplo, acontece de forma unilateral, em que a transmissão de informações se dá por meio de uma via de mão única, contando com a participação passiva e inerte do receptor dentro de um sistema regado e hiper controlado (FERRARA, 2015). As placas de “Não Pise na Grama” para pedestres representam esse tipo de diálogo, por delimitarem regras para aqueles que receberão a mensagem e dependem do consumo sem questionamento daquele dado. Porém, a comunicação interativa simboliza o oposto, se encaixando melhor na proposta de um parque público, já que essa configuração permite o uso dos espaços pelas pessoas, estabelecendo-se como uma conversação participativa e recíproca. A vivência do ambiente e o convite para pertencer ao local e interagir com o mesmo é uma característica dessa relação. Entende-se também a necessidade de uma investigação que explore campos para além da comunicação, por isso a literatura de Milton Santos (2006, 2007) sobre espaço urbano dentro de uma perspectiva geográfica pode ampliar a visão sobre o tópico. Partindo para as teorias sobre mídia, a forma como elas interagem entre si e a conexão entre a multiplicidade de plataformas e o engajamento do público nesse contexto dinâmico e diverso, encontra-se na literatura de Henry Jenkins (2009) os caminhos necessários para desenvolver esse debate e alinhá-lo com os estudos sobre cidade anteriormente mencionados. A pesquisa busca contribuir na discussão sobre mídias ao enxergar a potencialidade das cidades como espaços comunicativos e debater possíveis plataformas não convencionais e a forma como essa adaptação do significado das construções urbanas pode interagir com a sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; cidade; propaganda política; praças públicas; transmídia.

REFERÊNCIAS



DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. Cap. 4, 62 - 82.

FERRARA, L. **Cidade: Meio, mídia e mediação**. Matrizes, São Paulo, vol. 1, num. 2, p. 39-53, abril, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143017353002>

FERRARA, L. **Comunicação mediações interações**. São Paulo: Paulus, 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

MOREIRA, Sonia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. Cap. 17, 269 - 279.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, M. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.